



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Fabiana Soares da Silveira Nóbrega

O gênero conversa nas interações professor-aluno.

Sousa.

2017

Fabiana Soares da Silveira Nóbrega

O gênero conversa nas interações professor-aluno.

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros

Sousa

2017

Fabiana Soares da Silveira Nóbrega

O gênero conversa nas interações professor-aluno.

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros

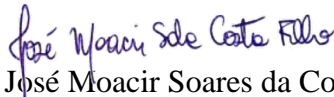
Aprovado em: 09/ 06/ 2017

BANCA EXAMINADORA



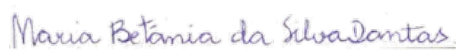
Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros

Presidente: Orientador – IFPB



Prof. Dr. José Moacir Soares da Costa Filho

Examinador – IFPB



Profa. Me. Maria Betânia da Silva Dantas

Examinadora– IFPB

Dedicatória

Dedico a Deus, que me deu muita força, fé e coragem para prosseguir. A meu pai que não está mais aqui comigo, mas onde ele estiver estará sempre do meu lado, vibrando com minhas conquistas e intercedendo por mim. A minha mãe, meus irmãos que me deram apoio, incentivo e esperança para progredir nesta caminhada. Ao meu esposo, Pedro, e aos meus filhos que foram bastante compreensivos e que nunca mediram esforços para que eu subisse mais um degrau. Estavam sempre me incentivando e encorajando a cada período. Ao meu orientador, Neilson, que me ajudou nas orientações deste artigo, para que fosse concluído com êxito. Como também durante todo o percurso as nossas interações foram fundamentais para o término do curso. Aos meus professores e colegas do curso de Letras IFPB, as experiências compartilhadas com vocês foram a melhor possível, pude adquirir mais conhecimentos, habilidades e a amizade que conquistamos fez toda a diferença, nos fazendo mais unidos num único objetivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus:

Termino meu curso e a ti meu Deus entrego meu cansaço.

Obrigada por tudo. Obrigada pela esperança que animou meus passos; Obrigada pelo exemplo que recebi dos outros; Obrigada também pelo o que me fez sofrer; Obrigada porque naquele momento de desânimo me lembrei que tu és meu pai; Obrigada, pai e abençoa meus propósitos para o dia de amanhã.

Aos professores:

Obrigada àquelas pessoas que quando deveriam ser simplesmente professores, foram mestres e me incentivou a seguir o caminho do aprendizado.

Ao orientador, Neilson:

Obrigada pelas orientações, uma vez que suas visões acrescentaram meus conhecimentos e ideias, trazendo uma conscientização para enfrentar a vida como profissional.

Aos meus pais:

Obrigada pai e mãe por ter recebido o dom mais precioso do universo: a vida, por terem trabalhado dobrado, sacrificando seus sonhos em favor dos meus. A benção....

Ao meu esposo, Pedro:

Homenagear é transmitir emoção; é reconhecer o real valor. Sinto em você dedicação, presença, segurança, compreensão, amizade e amor. Obrigada, meu amor!

Aos meus filhos, Letícia e Vinícius:

Obrigada pelo incentivo, mesmo que inconsciente, porque vocês meus amores, foram os motivos de não desistir de lutar, mesmo quando tudo parecia um fardo pesado demais: Amos!

Aos meus irmãos:

Obrigada por compartilhar os momentos difíceis e irmanados, compreender e incentivar no caminho certo.

“O mundo está nas mãos daqueles que tem coragem de sonhar, e correr o risco de viver seus sonhos”.

Paulo Coelho

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir o gênero conversa nas interações professor- aluno. O presente artigo analisa a interação entre professor e aluno em sala de aula, com vistas a entender como o docente promove atividades que envolvem a oralidade para que possa contribuir com a aprendizagem da língua no processo de ensino- aprendizagem. Para isso, realizamos um estudo descritivo em aulas de Língua Portuguesa na 3ª série do Ensino Médio durante a observação do Estágio supervisionado. Serviu como base a teoria etnometodológica, abordada na área da Linguística. Os dados são trazidos, através de transcrições de trechos das aulas. Para embasamento teórico recorreremos aos seguintes autores: Koch (2015), Marcuschi (2003, 2007, 2010), Bakhtin (1972, 2010), entre outros. Através desta pesquisa qualitativa percebemos que a educadora interage, cria e dá oportunidades para que os alunos participem ativamente da conversa, como a utilização de estratégias para que os sujeitos envolvidos no ato comunicativo falem e escutem durante a realização das atividades envolvendo a fala. Por meio desse trabalho, constatamos que a conversa organiza a interação em sala de aula, servindo como uma estratégia para a construção do conhecimento.

PALAVRAS- CHAVE: Conversa; interação; fala; professor; aluno.

ABSTRACT

This work aims to discuss the genre conversation in teacher-student interactions. The present study is an analysis of the interaction between teacher and student in the classroom, with the objective of understanding how the teacher promotes activities involving orality so that it can contribute to language learning in the teaching-learning process. For this, we carried out a descriptive study conducted in Portuguese Language class in the 3rd grade of High School during the observation of the Supervised Internship. It was based on the ethnomethodological theory, addressed in the area of Linguistics. The data analyzed are brought through transcriptions of class excerpts. For theoretical background, we used the following authors: Koch (2015), Marcuschi (2003, 2007, 2010), Bakhtin (1972, 2010), among others. Through this qualitative research, we perceive that the educator interacts, creates and gives opportunities for students to participate actively in the conversation, such as the use of strategies for the subjects involved in the interaction to speak and listen during the activities involving speech.

Keywords: conversation; interaction; speech; teacher; student.

Sumário

INTRODUÇÃO	100
O PAPEL DA INTERAÇÃO NOS ESTUDOS INTERACIONISTAS.....	111
A INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA.....	14
4	
ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO ENTRE O DOCENTE E OS ALUNOS NA SALA DE AULA	188
ASPECTOS METODOLÓGICOS	21
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	222
CONSIDERAÇÕES FINAIS	266
REFERÊNCIAS	277

INTRODUÇÃO

Nós, seres humanos utilizamos diariamente a linguagem para nos comunicarmos, e este artigo traz uma pesquisa sobre o gênero conversa nas interações professor-aluno. Esta interação em sala de aula serve como um espaço propício ao processo de ensino-aprendizagem, onde os participantes, segundo Galvão e Azevedo (2015, p.251), ao assumirem uma determinada posição nas interações cotidianas e institucionalizadas, tornam-se sujeitos críticos e desempenham papéis a cada momento.

De acordo com Marcuschi (2003, p.15) “A conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual abdicamos pela vida afora”. Para isso, é preciso criar oportunidades para que os sujeitos envolvidos possam observar, de modo mais crítico, o funcionamento dos textos conversacionais, sendo capazes de explicitar os seus princípios e as suas funções, para que saibam utilizá-los de forma competente nas mais diversas situações sociocomunicativas (MARCUSCHI, 2007).

A conversação está organizada em turnos, nos quais os participantes envolvidos intervêm durante a interação, que pode ser simétrica, que são as conversas do dia a dia, porém todos têm o mesmo direito de fazer uso da fala; e as assimétricas que são as interações que um entre vários participantes têm o poder da palavra, esta posição em alguns momentos é a do professor, que também é responsável pelo andamento da aula e distribui a interação de acordo com o seu planejamento (KOCH, 2015).

A interação é o espaço que favorece o surgimento de novas formas de falar e aprimora outras. No caso específico desse trabalho, o problema que será discutido é: de que maneira a interação em sala de aula entre professor e aluno contribui para a aprendizagem da língua?

Através da fala e da escrita manifestamos a nossa língua, de modo que, a língua se desenvolve nas interações com os participantes da conversa, conforme suas práticas sociais. Quando interagimos, estamos dando a possibilidade de estabelecer uma conexão entre os seus falantes, pois a palavra apresenta uma dupla face: ela advém do outro e é sempre endereçada ao outro (BAKHTIN, 1972). Levando em conta o tempo e o espaço na produção interativa, já que, a fala acontece em tempo real.

Nesse trabalho, será analisada a interação entre professor e alunos em sala de aula, a partir do questionamento já citado, será discutido como a interação em sala de aula favorece o

processo de ensino- aprendizagem, como também será apresentado um panorama dos estudos interacionistas e sua relação com o ensino de língua; identificando estratégias de interação entre docente e alunos que evidenciam o processo de ensino-aprendizagem; e analisada a interação no gênero oral conversa presente em sala de aula.

Para esse fim, os dados foram coletados através de gravação em vídeo, durante a observação de estágio supervisionado III, do Curso de Licenciatura em Letras do IFPB, nas aulas de Língua Portuguesa sobre a obra “Vida Secas” de Graciliano Ramos, na turma da 3ª série do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dorgival Silveira, situada na zona urbana do Município de São Francisco, PB.

Este artigo será desenvolvido em 6 seções: a primeira seção trata do papel da interação nos estudos interacionistas; a segunda seção aborda a interação entre professor e aluno para o desenvolvimento da língua; a terceira apresenta estratégias de interação entre o docente e os alunos na sala de aula; em seguida apresentaremos os aspectos metodológicos. Após isso, procederemos à análise de dados, seguida das considerações finais.

1. O PAPEL DA INTERAÇÃO NOS ESTUDOS INTERACIONISTAS

A interação que se dá entre os indivíduos é uma forma de desenvolver a linguagem. Existem três concepções diferentes de linguagem: a primeira é como representação (“espelho”) do mundo e do pensamento; a segunda é tida como um instrumento (“ferramenta”) de comunicação; e a terceira é como forma (“lugar”) de ação ou interação (KOCH, 2015, p.7).

A língua na primeira concepção tem a função de expressar nosso sentimento, pensamento, já que as pessoas percebem o modo como nos vestimos, a maneira como nos gesticulamos para nos comunicarmos e de possibilitar que nós seres humanos também possamos descrever o mundo. No entanto, sabemos que a linguagem não está reproduzida exatamente no nosso pensamento, muitas vezes este pensamento é mais dinâmico e ativo, e não expressamos através da nossa linguagem.

A língua na segunda concepção é caracterizada como um código, que tem a função de divulgar informações através de um emissor e um destinatário, em que as mensagens são codificadas, e decodificadas pelo seu receptor. Nós usamos a linguagem para nos

envolvermos socialmente com as pessoas, constituindo-nos como sujeitos que não precisam decodificar informações.

Já na terceira concepção, a linguagem é como uma atividade, como uma forma de ação, conforme afirma Koch (2015 p.7,8):

Esta interação que se dá pela e na linguagem é a ação que se realiza entre a língua e seus falantes nos constituindo no mundo, já que, a linguagem se realiza em situações concretas.

Quando comunicamos estamos também realizando uma ação, já que quando proferimos enunciados, estamos esperando que o interlocutor tenha alguma ação, de responder ao que foi perguntado ou fazer alguma coisa sobre o que foi dito na hora da interação. Diante do que já foi exposto neste trabalho escolhemos a terceira concepção de língua. Conforme afirma Koch (2015, p.10) “A (Inter) ação humana por meio da linguagem, a maneira que o ser humano tem de interagir socialmente por meio de uma língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados”. O ser humano utiliza a linguagem para realizar ações no interior de alguma situação social que são produzidos em enunciados para modificar alguma situação que envolva o ato comunicativo. Assim sendo, utilizamos a língua para expressar nossas opiniões, pensamentos para chegarmos a um determinado propósito.

Segundo Bakhtin (1972, p.108), “... a língua não se transmite (...). Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada, eles mergulham na corrente da comunicação verbal e, somente quando isto ocorre é que tomam consciência de si e do mundo que os cercam”. Em nosso dia a dia, através da comunicação verbal utilizamos palavras que na maioria das vezes são dirigidas a outra pessoa e, logo aparece a resposta ao discurso. A palavra possui uma dupla face: ela é sempre uma resposta, uma espécie de reação, do discurso do outro, e ela é sempre direcionada ao outro (BAKHTIN, 2010). Nosso discurso está sempre ligado a uma infinita corrente de enunciados, através de diálogos de textos dos mais curtos aos mais complexos que são realizados durante todo tempo.

A Língua possibilita uma interação entre seus falantes, porque quando se comunicam, também realizam uma ação, já que, quando proferimos enunciados, estamos

também esperando que o interlocutor tenha alguma ação, levando em conta de acordo com Koch:

Simultaneamente, a enunciação, ou seja, o evento único e jamais repetido de produção do enunciado. Isso porque as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado: a enunciação vai determinar a que título que se diz é dito. (2015, p. 11, 12).

A nossa interação irá depender do propósito comunicativo que pretendemos atingir, através de nossas ações que são realizadas pela linguagem. Segundo Koch (2015, p. 23, 24):

Cabe ao locutor assegurar ao seu interlocutor as condições necessárias para que este: a). Seja capaz de reconhecer a intenção, isto é, compreender qual é o objetivo visado, o que depende da formulação adequada do enunciado; b). Aceite realizar o objetivo pretendido, ou seja, concorde em demonstrar a reação e/ou o comportamento visado pelo locutor.

Koch (2015, p. 18) nos apresenta três distinções diferentes de atos estabelecidos por Austin:

O ato locucionário que consiste na emissão de um conjunto de sons que são organizados de acordo com as regras da língua. Segundo Searle, este ato designa-se, uma entidade do mundo extralinguístico e por meio do ato da predição atribui-se a essa entidade certa propriedade característica, estado ou comportamento. O ato ilocucionário atribui a essa proposição uma determinada força: de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa. Podendo ser realizado de forma explícita ou implícita. O ato perlocucionário exerce certos efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo, etc., efeitos que pode realizar-se ou não.

Por isso, sempre que interagimos através da língua proferimos enunciados que são simultaneamente locucionário, ilocucionário e perlocucionário, que permitirão ao destinatário um resultado que o locutor terá para atingir o seu propósito.

Como a língua é uma atividade social, histórica e cognitiva, que se desenvolve na interatividade com os indivíduos conforme suas práticas sociais, ela se configura e se constitui no interior dessas práticas e, paralelamente, “a propriedade da interatividade é um aspecto à própria língua”. (MARCUSCHI, 2007, p.145). De modo que:

É na interação verbal que constitui a realidade fundamental da língua, pois ela é dinâmica, onde nem todos os textos apresentarão marcas de interatividade na mesma intensidade, já que, depende das circunstâncias, do grau de intimidade entre os participantes, do gênero realizado, do assunto abordado, etc., as marcas de interatividade podem aparecer em maior ou menor proporção na superfície textual. (BAKHTIN apud MARCUSCHI, 2007, p.146, 147).

É através da linguagem que nos tornamos sujeitos ativos, conscientes de si e do mundo que nos cerca. Não precisamos decodificar informações, pois utilizamos a língua para nos envolvermos socialmente com as pessoas, sendo co-autores do nosso próprio texto.

2. A INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA

A nossa língua é um conjunto de práticas sociais que se manifestam principalmente através da fala e da escrita. Uma criança quando chega à escola já sabe a sua língua, ou seja, já tem habilidade para falar, de modo que, “a fala é adquirida espontaneamente no contexto familiar, e a escrita é geralmente apreendida em contextos formais de ensino” (MARCUSCHI, 2007, p.33).

Sendo assim, poderemos usar a língua na modalidade oral e escrita, só que, é na modalidade oral que a língua se desenvolve cotidianamente nos contextos informais, e a escola habilita os discentes a fazerem uso desta modalidade. Conforme afirma Marcuschi:

A língua falada é toda a produção linguística sonora dialogada ou monologada em situação natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticos, formais ou informais, em condições de proximidade física ou por meios eletrônicos, tais como rádio, televisão, telefone e semelhantes (2007, p. 71).

A fala acontece em tempo real no nosso dia a dia, espontaneamente envolvendo a participação de duas ou mais pessoas, e é desenvolvida em atividades “tipicamente nos processos de textualização” (MARCUSCHI, 2007, p.74). Por isso, o tempo e o espaço são importantes para uma produção interativa, pois a fala acontece em “tempo real e num espaço situacionalmente condicionado” (MARCUSCHI, 2007, p. 76). A fala em tempo real está ligada, de acordo com Marcuschi:

A presença física dos interlocutores, onde se organiza a gestualidade, a mímica, os olhares e os movimentos do corpo como recursos simbólicos significativos para efeitos de sentido. Também temos a qualidade da voz que, ao produzir o som audível, comanda a prosódia (entoação, tom, velocidade, etc). O que se verifica na produção oral é um sistema de múltiplos níveis de atuação (2007, p. 75, 76).

Assim sendo, percebemos que a nossa língua não só se manifesta pela fala e pela escrita, mas também pelo movimento que fazemos no corpo, a maneira como gesticulamos para nos comunicarmos, então tudo isso está ligado a nossa linguagem, ao nosso diálogo, que está presente na nossa “comunicação cotidiana, como também os que fazem parte do exercício de uma profissão, ou os que ocorrem no interior de instituições” (KOCH, 2015, p.76).

A fala em uma interação na sala de aula “se dá principalmente pelo fato de que a identidade institucional ou profissional dos participantes de alguma forma se faz relevante para as atividades de trabalho nas quais eles estão engajados” (DREW e HERITAGE, 1992 apud GARCEZ, 2006, p. 67). Esta fala envolve ações entre os participantes numa interação, buscando atingir metas, e essas atividades seguem uma orientação para que estas tarefas sejam alcançadas. Por isso, como afirma Garcez em concordância com Drew e Heritage (1992):

A interação institucional envolve uma orientação por parte de pelo menos um dos integrantes para alguma meta, tarefa ou identidade (ou conjunto delas) convencionalmente associada com a instituição em questão. Em suma, a conversa institucional é normalmente informada por orientações para metas, de caráter convencional relativamente restrito. (2006, p.67).

O professor ao propor uma atividade em sala de aula tem como propósito atingir metas, fins e tarefas, em que suas ações serão organizadas de acordo com a participação dos sujeitos envolvidos.

De acordo com Galvão e Azevedo (2015, p.251), quando os participantes assumem uma determinada posição nas interações cotidianas e institucionalizadas, tornam-se sujeitos críticos e desempenham papéis sociais a cada momento. Através de sua argumentação ou de concordar ou discordar no momento de sua fala sobre o assunto discutido, para que os participantes produzam seus textos, intervindo durante a conversa que é organizada em turnos, pois um dos participantes intervém durante a interação. De maneira que, a conversação é uma prática na qual dois ou mais interlocutores interagem e se alternam constantemente para conversar sobre determinado assunto.

Existe interação entre pelo menos dois falantes; ocorre no mínimo uma troca de falantes; acontece com a presença de uma sequência de ações coordenadas; com execução numa identidade temporal; e há o envolvimento numa ‘interação centrada’ (MARCUSCHI, 2003). Estas cinco características deixam a nossa interação mais concentrada para que os interlocutores se envolvam na conversa, posicionando-se de forma simétrica ou assimétrica.

Na conversação das interações simétricas, não há um detentor da palavra, pois qualquer participante da interação pode iniciar a conversa, o professor os deixa à vontade, sem apontar o dedo ou o nome para quem deve falar, mas vale aquela regra “fale um de cada vez” (KOCH, 2015, p.80), pois, não pode falar na hora que quiser, tem que esperar a sua vez.

Já as interações assimétricas, o detentor da palavra é quem aponta qual pessoa deve falar, já que ele tem esse poder de distribuir a interação. O professor em sala de aula assume o poder da palavra, ele é o responsável pelo andamento da aula e distribui a conversa de acordo com a sua vontade, pois, ele pode eleger o falante seguinte (KOCH, 2015, p.80).

Conforme Koch (2015, p. 80) “os interlocutores podem assumir o turno nos chamados espaços de transição, que se caracterizam por determinadas marcas como: silêncio, ou pausas mais longas do detentor do turno, entoação característica, gestos, olhar, sinais de entrega de turno como: então? Que acha? De acordo? etc.”. O turno é a intervenção de um dos participantes na hora da interação, ou seja, a vez que ele deve falar, assumindo o turno de uma conversa, nos espaços de transição, que é a possibilidade de algum dos participantes da interação de tomar o turno e estas marcas são características nos espaços de transição, e são chamadas de multimodais. Quando “falamos ou escrevemos um texto, estamos representando de dois modos, através de palavras e gestos, de palavras e entonações, palavras e sorrisos, etc.” (MARCUSCHI, DIONISIO, 2007, p.178).

Entretanto, sabemos que às vezes durante o desenvolvimento da conversação alguns participantes falam no mesmo momento, quando acontece isso, houve um assalto ao turno, porque um ou mais dos participantes não esperaram a sua vez de falar. Pois, “durante uma interação os parceiros têm sua atenção centrada em um ou vários assuntos” (KOCH, 2015, p.81). E, poderão falar sobre o assunto enumerando “os principais ‘tópicos’ abordados” (KOCH, 2015, p. 81). Ou seja, como afirma Marcuschi (2003, p. 15, 16):

Iniciar uma interação significa num primeiro momento, abrir-se para um evento cujas expectativas mútuas serão montadas. Em certos casos há alguém que inicia com um objetivo definido em questão de tema a tratar e, então supõe que o outro esteja de acordo para o tratamento daquele tema, o que indica que além do tema em mente ele tem também uma pressuposição básica, que é a aceitação do tema pelo outro. Iniciada a interação, os participantes devem agir com atenção tanto para o fato linguístico como para os paralinguísticos, como: os gestos, os olhares, os movimentos do corpo, e outros.

Assim sendo, o professor em sala de aula inicia o diálogo com os seus alunos quando vão discutir sobre algum tema que envolva a sua aula, onde os alunos participarão da conversa, pois, todos devem participar desta interação. A tomada de turno, conforme Marcuschi (2003, p. 19) “pode ser vista como um mecanismo- chave para a organização estrutural da conversação, para o qual podemos imaginar o seguinte roteiro: A: fala e para; B: toma a palavra, fala e para; A: retoma a palavra, fala e para; B: volta a falar e para”.

Este roteiro é seguido pelos falantes no momento da interação, porém, nas nossas conversas, há “momentos de pausas e hesitações que tomam a forma de lacunas ou breves interrupções” (MARCUSCHI, 2003, p. 19).

Estes momentos de hesitações dão a oportunidade para que o falante se prepare para dar sua posição sobre o assunto, mas também, como no caso da pausa na hora do diálogo na escola, “o silêncio após uma pergunta do professor pode ser tomado como desconhecido da resposta” (MARCUSCHI, 2003, p.28). O aluno não está preparado para responder aquela pergunta, ou não estudou para o assunto, ou não estava prestando atenção. E, neste caso, o professor poderá repetir a mesma pergunta.

Sabemos que a conversação é em tempo real, ou seja, ela acontece no momento em que os interlocutores estão se comunicando, e segundo Marcuschi (2003, p. 28, 29):

Tudo o que se fizer é definitivo. Nesse processo, são muito usados os recursos da correção. Corrigimos a nós mesmos ou aos parceiros, fazendo reparos sintáticos, lexicais, fonéticos, semânticos ou pragmáticos. A esse processo convencionou-se chamar de mecanismo de correção; ele funciona também como processo de edição ou auto-edição conversacional e contribui para organizar a conversação localmente.

Quando conversamos, o que dissermos está dito, não é como na escrita que temos mais tempo para corrigir o que não queria ter escrito, na fala tudo acontece em tempo real, mas podemos fazer uma correção logo depois que percebermos o equívoco. “Quando comunicamos alguma coisa a alguém, nosso ato de fala é sempre qualificado, ou seja, não apenas repassamos uma informação, mas também damos indicações de nossa atitude ou posição frente a alguma informação” (MARCUSCHI, 2007, p.116).

As nossas atitudes ou posições são também expressas pela nossa linguagem, quando nos comunicamos com outras pessoas, pois, “a modalização expressa as atitudes ou posições de falantes e escritores em relação a si próprios, em relação a seus interlocutores e em relação ao tópico do seu discurso” (MARCUSCHI e DIONISIO, 2007, p. 117).

Os falantes/escritores utilizam estas estratégias para tomar uma posição diante de alguma proposta recebida ou produzida. Assim sendo, a escola é um lugar propício para a conversação, onde aparecem as discussões dos grupos envolvidos, e é um espaço em que acontece a socialização dos participantes do processo de ensino-aprendizagem, pois, “o texto conversacional pode ser tratado como prática social e pode ser objeto de ensino-

aprendizagem” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004; BRONCKART, 1999 apud MARCUSCHI, 2007, p. 172).

3. **ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO ENTRE O DOCENTE E OS ALUNOS NA SALA DE AULA**

A sala de aula é o lugar de construção do conhecimento, possibilitando as trocas de opiniões, de negociações de sentidos e de avaliação pedagógica (GALVÃO e AZEVEDO, 2015, p.260,261). Para que um estudante se torne um cidadão crítico, ele deve se apropriar do uso da língua nas diferentes modalidades de uso, tanto dentro e fora da escola. Sabendo posicionar-se em qualquer situação que envolva o exercício da cidadania. Amparando-se nos PCN, Galvão e Azevedo (2015, p. 261) afirmam o seguinte:

Ainda que o espaço da sala de aula não seja um espaço privado, é um espaço público diferenciado: não implica, necessariamente, a interação com interlocutores que possam não compartilhar as mesmas referências (valores, conhecimento de mundo). No entanto, as inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral. Reduzir o tratamento da modalidade oral da linguagem a uma abordagem instrumental é insuficiente, pois, para capacitar os alunos a dominar a fala pública demandados por tais situações (PCN, 1998, p. 25).

É de fundamental importância que o professor execute atividades na modalidade oral, “uma vez que o aluno será avaliado no seu desempenho como falante, tendo que responder às diferentes exigências das situações de fala, adequando-as aos gêneros orais e, especialmente, às situações interacionais das quais participa” (GALVÃO e AZEVEDO, 2015, p. 262).

Assim é necessário que os alunos tenham em seu convívio com textos orais, para que eles construam seus conhecimentos, se tornando cidadãos críticos. O professor “ao trabalhar com a modalidade oral da língua, deverá partir de ações didáticas que garantam a realização de atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão, bem como observar os usos dos variados gêneros em contextos interacionistas” (GALVÃO e AZEVEDO, 2015, p. 262).

Dessa forma, a interação face a face do professor com os alunos serve como um espaço propício ao processo de ensino- aprendizagem. Silva (2002) apud Ananias e Silva nos dizem como se caracteriza a interação:

a interação caracteriza-se como atividade cooperativa que implica ação entre os interactantes no processo de comunicação, os quais se revezam na condição de

falante e de ouvinte, exercendo influências múltiplas entre si, e sofrendo influência direta da situação social mais imediata (2011, p.249).

Uma atividade para ser considerada interativa, ela tem que “englobar as ações do professor, as reações dos alunos a essas ações, reações do professor às ações dos alunos e reações dos alunos entre si” (SILVA, 2002 apud ANANIAS e SILVA, 2011, p. 250). O docente deve utilizar estratégias que motivem e incentivem os discentes para participarem, integrarem e despertarem para as atividades interativas.

O professor e os alunos possuem posição diferente, já que:

o professor é visto como um sujeito detentor do saber e de estar na escola para transmitir conhecimentos, a sociedade o vê como um formador, e é cobrado e avaliado por esta. Já, o aluno é visto como o sujeito que não tem o saber e necessita adquiri-lo na escola (ANANIAS e SILVA, 2011, p. 250).

O docente tem esse poder por causa de seus conhecimentos, dos seus discursos, do grau de instrução, como também da sua experiência e da idade. Também ele tem esse domínio por falar muito nas suas aulas. A Escola é um espaço em que o aluno aprende em conjunto, pois os discentes trazem consigo muitos conhecimentos, e através de suas ideias, pensamentos e culturas vão se tornando sujeitos que possam atuar e transformar a sociedade. O professor não é só ele que tem conhecimentos, o aluno também tem o seu saber, tem a liberdade para iniciar um diálogo, de expor suas opiniões, e junto com o professor vão adquirir mais conhecimentos, estando dispostos a falarem e ouvirem, compreendendo um ao outro. O professor numa interação em sala de aula utiliza:

Estratégias, tais como: relevância do tópico desenvolvido, utilização de olhares expressivos; dirigir-se, diretamente aos alunos engajados em atividades concorrentes e dispersos; utilização de recursos não verbais (tocar e fazer gestos); entre outros que buscam despertar e/ou resgatar a atenção e o desejo de participar dos alunos (ANANIAS e SILVA, 2011, p. 251).

Sendo assim, para que aconteça uma boa interação entre os participantes, é necessário que os alunos sejam motivados e incentivados a continuar na conversa durante a sua aula. Conforme Matêncio (2001) apud Ananias e Silva:

A aula é caracterizada como um evento intermediário, entre os ritualizados e os espontâneos, cuja edificação surge da exigência de um objetivo didático. Tal evento comunicativo é marcado, sobretudo por interações verbais orais e pela alternância de papéis entre os participantes (2011, p.249).

Cumpram destacar que a aula envolve um grupo de participantes e o grau de saber que foi partilhado. Mas, a fala-em-interação da sala de aula que é tida como convencional segue uma sequência que é geralmente iniciada por uma pergunta, no caso o professor, em que o próximo falante é o que vai responder a pergunta, no caso o aluno, e depois o professor terá a oportunidade de avaliar a resposta do aluno. Esta sequência conforme Garcez: “é descrita esquematicamente por Sinclair e Coulthard (1975), entre outros, como se segue: 1- Professor: iniciação; 2- Aluno: resposta; 3- Professor: avaliação” (2006, p. 68). Assim, nas aulas propostas “a interlocução entre alunos e professores se dá predominantemente por essas sequências” (GARCEZ, 2006, p. 68). Os participantes conforme o autor citado:

Concordam que o que estão fazendo juntos se faz uma organização interacional tal que se outorga a um certo participante, tipicamente aquele identificável como ‘professor’, o direito de fazer perguntas insinceras, mais propriamente chamadas de perguntas de informação conhecida, perguntas-teste, perguntas para demonstração, ou outros termos que apontam para o caráter institucional do que se está fazendo naquilo que reconhecemos como sendo fala-em-interação de sala de aula. Por isso, o termo que nomeia o turno de fala na primeira posição da sequência- Iniciação- só faz sentido pleno se levarmos em conta o seu objeto, aquilo que se concretiza no turno em terceira posição, ou seja, na fala subsequente do ‘iniciador’: a avaliação. Em outras palavras, a sequência de ações definidora do fazer da sala de aula convencional é uma sequência de avaliação, e isso diz muito sobre o que se está fazendo numa sala de aula motivada por sequência IRA (2006, p.69).

Em sala de aula podemos perceber que há esta sequência de trocas de falas entre os participantes. Essa organização de conversas que se dá em sala de aula é diferente das cotidianas, nas quais o professor inicia produzindo um turno com pergunta, que depois o aluno irá responder a esta pergunta, e ele será avaliado mais cedo ou mais tarde. Mas, para que isto aconteça, as aulas têm que ser bem preparadas e desenvolvidas, havendo a conclusão das atividades didáticas propostas.

Para tanto, o professor estabelece previamente um objetivo didático, planeja e executa estratégia (s) didática (s), para verbalizá-las a partir das intervenções dos alunos (perguntas/respostas), pois, tais intervenções terminam por sinalizar o que os aprendizes sabem, permitindo que o professor gerencie e conduza a interlocução (ANANIAS e SILVA, 2015, p.249).

Por meio desta prática, através dos gêneros orais procuramos desenvolver, segundo Leal, Brandão, Lima (2012) apud Galvão e Azevedo:

Atitudes de respeito ao que o outro fala, monitoramento de seu próprio tempo de fala, escuta atenta ao que o outro diz, até conhecimentos e habilidades relativos à forma composicional de gêneros complexos, como seminários, notícias, orais ou debates regrados, ou mesmo conhecimentos relativos aos papéis desempenhados pelos envolvidos em uma situação de interação, como em um júri (2015, p.260).

A forma como utilizamos as palavras para nos comunicarmos, refletem a maneira que pensamos e sentimos dos outros e do mundo que nos cerca. Sendo assim, os nossos valores e atitudes que temos, é o ponto inicial da interação um com o outro, pois devemos está dispostos a falar e também a ouvir, tendo assim, compreensão de ambas as partes e respeito ao que o outro pensa.

Após trazermos as discussões teóricas que balizam esse artigo, passaremos para os aspectos metodológicos na próxima seção.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolvermos o trabalho proposto, teremos como base a teoria etnometodológica e sua relação com o sistema de interação em um determinado grupo, que segundo Koch (2015, p. 76): “é uma análise da conversação que se originou no interior da sociologia interacionista americana, e tem por princípio trabalhar somente com dados reais, analisados em seu contexto natural de ocorrência”.

Esse trabalho caracteriza-se como um estudo descritivo, em uma abordagem qualitativa, com as transcrições de trechos das aulas para a interpretação dos segmentos analisados, sem haver levantamento estatístico. Além disso, para que fosse possível a análise, o olhar descritivo teve papel relevante.

Através deste método percebemos como os participantes da interação “se servem da elocução ou da fala para construir um conjunto de ações coordenadas e inteligíveis” (GUESSER, 2003, p.11). Nas interações, os membros se socializam para compartilhar os seus conhecimentos, construindo-se socialmente “nos processos interacionais” (GUESSER, 2003, p.15).

Esta pesquisa está abordada na área da Linguística, envolvendo o processo de ensino-aprendizagem na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dorgival Silveira, onde os dados foram coletados numa turma de 3ª série do Ensino Médio.

Os dados que serão analisados neste trabalho foram trazidos através de transcrições de fragmentos, porém será analisada a conversação dos participantes a cada momento da interação, interpretando os turnos do início ao fim. Estes dados foram coletados através de gravação em vídeo, com o consentimento da professora e dos alunos para registrar as aulas durante o estágio Supervisionado III, em aulas de Língua Portuguesa sobre a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, no mês de junho do ano de 2016. Em relação aos participantes, a

professora é do sexo feminino, tem 29 anos e há seis anos que ela leciona nesta escola Estadual, já os alunos, o aluno 1 é do sexo masculino tem 18 anos e o aluno 2 é do sexo feminino e tem 17 anos, ambos residem na zona rural do Município de São Francisco, Paraíba.

Assim, com base nos dados coletados e a transcrição de um fragmento da aula, pretendemos também verificar o uso da perspectiva etnometodológica, buscando entender como se dá a interação do professor e alunos, envolvendo o gênero textual conversa durante as aulas observadas. Segue um quadro com símbolos que cercam a interação entre os participantes durante a conversa

Ocorrências	Sinais
Qualquer pausa	...
Alongamento de vogal ou consoante	::
Indicações de que a fala foi tomada em determinado ponto	(...)
Interrogação	?
Entoação enfática, ênfase na palavra.	Maiúscula
Comentários descritos do transcritor; uso do não verbal.	(())

Fonte: Castilho apud Koch (2015, p. 83, 84)

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Durante a observação das aulas da 3ª série do Ensino Médio, percebemos que a professora de Língua Portuguesa utiliza estratégias que envolvem a oralidade, com a obra de Graciliano Ramos, “Vidas Secas”. Foram vários momentos, mas a observação foi a partir do segundo momento, em que os alunos deveriam falar o que eles achavam da seca e escrever uma frase ou uma palavra relacionada à seca e explicar o porquê da escolha. Logo depois, a professora propôs um roteiro para as próximas aulas junto com os alunos, dividiu a turma em grupos, e sorteou os capítulos da obra para a discussão, para o seminário e para a apresentação

teatral de cada equipe. Feito isso, propôs que cada equipe lesse e fizesse um resumo geral dos capítulos, envolvendo as características dos personagens e de cada capítulo, além de associar o capítulo a um fato real, mencionando as características do modernismo no capítulo. Por fim, ela, explicou como seria a discussão deste trabalho proposto.

Foi proposta a discussão dos capítulos, os alunos se organizaram em mesa redonda na sala de aula, como também tiraram suas dúvidas, e ainda foi proposto que os discentes elaborassem um roteiro para a apresentação do seminário, pois esta conversa entre professor e alunos também serviria para que eles apresentassem um bom seminário, sabendo de tudo o que aconteceu na obra literária *Vidas Secas*, como também uma ótima apresentação teatral, como foi sugerido para terminar o trabalho com esta obra.

A professora utiliza estas discussões e metodologias em suas aulas, com os alunos em círculo ou mesa redonda.

Neste trabalho será analisado um fragmento sobre esta conversa em mesa redonda que a docente teve com seus alunos. Aqui será transcrita a fala de uma das equipes formada para a discussão proposta pela professora.

Para exemplificar, apresentaremos um fragmento da fala da professora e de seus alunos:

Ex.; 1: Professora: E você...vocês acham que... esta situação((passa a mão no rosto)) que ele percebeu...((gesticulação com as mãos)) fazia com que ele não se tornasse bruto?...

Aluno 1: Fazia...((balança a cabeça que sim))

Aluno 2: Ele já vinha na convivência dos avós...dos pais((contando com os dedos))... ele já vivia assim nessa situação... em uma certa moldura((movimento com as mãos))... ele queria é::

Aluno 1: ser visto querendo...

Aluno 2: Que o filho dele veio e que tudo passasse a mesma coisa... só que ele pensou... ele depois e teve a pretensão que talvez não poderia conseguir e que ficava daquele jeito e se não ia ficar pior ainda...((gesticulando com as mãos e a cabeça))

Ex.: 2: Professora: E assim a própria característica é:: ... de Fabiano como o próprio texto diz ele é animalizar né?... O personagem é animalizado... é... ou seja...((olhar triste)) com as próprias pessoas da família em consequência desse... desse sofrimento tão terrível...então...ora ele está quando ver aquele momento...é numa parte do capítulo que vem a chuva... mas aí:: logo depois esse((gesticulação das mãos)) ...(...)

Aluno 1: ele olha pro céu estrelado...estrelado((gesto com as mãos)) aí ::já sente que vem a chuva...

Ex.: 3: Professora: EXATAMENTE... ((balança a cabeça fazendo gesto que sim))

Ex.: 4: Professora: É... nesse capítulo aparece quem de personagens? :: Fabiano...

Aluno 1 e 2: Sinhá Vitória... o patrão...

Aluno 2: e a baleia...

Aluno 1: a cachorra ((risos))...

Aluno 2: seu Inácio...

Professora: e quem é seu Inácio?...

Aluno 2: era o patrão dele...

Professora: Sinhá Vitória?...

Aluno 1: era esposa...

Professora: E os filhos dele... aparece nesse capítulo?...

Aluno 1 e 2: não. ((um olhando para o outro))

Aluno 1: ((Balança a cabeça fazendo gesto de não também))

Professora: e baleia?... Aparece em qual momento?((gestos com as mãos))...

Aluno 2: baleia só aparece no momento em ele pensa... que tá pensando nos filhos...na família((gestos com as mãos))...

Ex.: 5: Professora: vocês tiveram algum problema em entender esse...é...então... aqui é utilizado uma linguagem simples de Graciliano Ramos((gestos com as mãos)).

O que podemos perceber é que a professora interage com os seus alunos na sala de aula, de modo que ela cria e dá oportunidades para que os sujeitos envolvidos nesta interação participem ativamente dando sua opinião, posição sobre o assunto discutido, usando a sua língua para se comunicar, utilizando a comunicação verbal e também gestos.

Os enunciados que foram proferidos demonstraram que o propósito comunicativo foi atingido, de maneira que os interlocutores entenderam qual a intenção, e o objetivo da professora, e também os alunos aceitaram participar desta interação.

Esta interação aconteceu em tempo real, numa sala de aula, com todos os participantes envolvidos trocando olhares, movimentos nas mãos, com uma boa entonação na voz.

Os fragmentos transcritos envolvem uma professora e dois alunos, seguindo a orientação da professora nesta conversa, o objetivo desta mesa redonda era saber como os alunos entenderam o assunto, a sua posição sobre o tema, os personagens e também para que os discentes apresentassem um bom seminário e uma boa apresentação teatral.

Como vimos nos fragmentos transcritos, a professora não mencionou ou apontou o dedo para quem deveria falar, ou seja, responder a sua pergunta. Ela deixou-os à vontade, assim os alunos iam participando desta conversa com maior liberdade.

Podemos verificar que a professora iniciou a conversa, corroborando a noção de que o docente assume o papel de conduzir as interações. No caso em questão, o aluno assume o turno em cada troca de fala, nos espaços que envolvem a pausa, indicado por ... logo no início da interação, ou interrompida em determinado ponto, indicado por (...).

Embora esperemos uma interação assimétrica entre a professora e os alunos, podemos perceber que esse formato pode variar. Esta é uma conversa simétrica, porque a professora não menciona quem deve falar, os alunos vão participando sem que sejam eleitos para fala. A professora é quem lança as perguntas, e logo em seguida, os alunos respondem em uma troca de turno, na qual podemos perceber que em alguns momentos a professora pergunta, um aluno responde, outro complementa a sua resposta, depois o aluno 1 volta a falar , e o aluno 2

depois que o aluno 1 dá uma pausa para pensar no que vai dizer, retoma a palavra e fala, em seguida, o aluno 2 comenta sobre sua posição do assunto mencionado no exemplo 1.

No exemplo 2, a professora tece comentários sobre o que já foi mencionado, e logo depois, o aluno 1, quando a professora dá uma pausa, começa a falar. E em seguida, a professora, no exemplo 3, avalia a posição do aluno sobre o que estavam discutindo, pois a sua entoação na voz foi bem enfática.

No exemplo 4, temos uma sequência de perguntas e respostas, as perguntas foram feitas pela professora, ela fala e para, e os alunos tomam a palavra, falam e param e a professora retoma e os alunos voltam a falar, respondendo aos questionamentos da professora. Neste exemplo ainda podemos perceber que o aluno 1, ao responder não, e além de utilizar a comunicação verbal, também utilizou gestos para responder à pergunta, balançando a cabeça. Ocorreram trocas de olhares e movimentos nas mãos durante a interação.

Vimos que cada um dá atenção ao que o outro fala, e que houve o respeito ao que o outro falou e também sobre os conhecimentos que foram transmitidos uns aos outros.

Tudo isto ocorreu porque houve uma organização, planejamento das atividades para a aula por parte da professora e dos alunos, pois participaram ativamente desta troca de falas e conhecimentos que aconteceu numa instituição escolar, precisamente numa sala de aula.

Por meio de nossas análises, podemos perceber que a aula é uma unidade complexa, permeada por conversas entre professor e alunos. Tais conversas, apesar de se apresentarem como espontâneas em alguns momentos, sustentam o processo de ensino-aprendizagem, no sentido de que oportunizam a participação de todos os membros do grupo. Além disso, a análise aqui realizada permite que observemos a conversa sob outra perspectiva, já que a interação oral entre professor e aluno constitui importante instrumento para o desenvolvimento da aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da interação utilizada em sala de aula pela professora e pelos alunos há a socialização dos mesmos no processo de ensino- aprendizagem.

Nesta pesquisa foi analisada e discutida a maneira como a interação favorece o processo de ensino- aprendizagem em sala de aula. Com isso, investigamos como a professora utiliza o gênero conversa nas suas interações, e quais as estratégias que a mesma utiliza para que fosse evidenciado o processo de ensino.

Ao produzirmos enunciados, estamos comunicando algo para que nossos objetivos sejam alcançados, e é na interação verbal que a nossa língua se manifesta através da fala, pois em diversos contextos e situações houve diálogo entre os participantes envolvidos no ato comunicativo.

Os dados que foram analisados por meio de uma gravação em vídeo, e transcritos para este trabalho, mostraram que a professora utiliza o gênero conversa em sala de aula no processo de ensino- aprendizagem, para que os alunos possam citar, expressar seus saberes, opiniões e pensamentos, utilizando a linguagem falada, tornando-se sujeitos ativos e conscientes de si e do mundo que nos cerca.

Para isso, a professora utilizou estratégias que foram de fundamental importância para que falassem e escutassem durante a realização das atividades envolvendo a fala, pois houve um revezamento entre os interactantes durante a interação.

Ao utilizarem a língua oral para se comunicarem, percebemos que os sujeitos envolvidos estavam bastante atentos às perguntas feitas pela professora, que foi dado a oportunidade de cada um aprimorar os seus conhecimentos. Por meio da conversa, a interação em sala de aula ganha vida, sendo construído um espaço em que os sujeitos se colocam.

REFERÊNCIAS

ANANIAS, P. R; & SILVA, W.M. **Compreendendo a interação em sala de aula**: das estruturas de produção e participação às estratégias de negociação mediadas pela polidez. Domínios de Lingu@gem, Revista eletrônica de Linguística (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>). Volume 5, -nº 1- 1º Semestre 2011- ISSN 1980-5799

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. De Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

GALVÃO, M. A. M.; AZEVEDO, J. A. M.: **A oralidade em sala de aula de língua portuguesa**: o que dizem os professores do ensino básico. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v.17, n.1, p.249-272, jan./jun. 2015, <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i1p249-272>.

GARCEZ, Pedro M.: **A organização da fala-em-interação na sala de aula**: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. Pdf. *Calidoscópico* Vol. 4, n. 1 , p. 66-80, jan/abr 2006 © 2006 by Unisinos.

GUESSER, Adalto H.: **A etnometodologia e a análise da conversação e da fala**. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 149-168. www.emtese.ufsc.br

KOCH, I. **A inter-ação pela linguagem**. 11ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010a.

MARCUSCHI, L.A.; DIONISIO, A. P. **Fala e escrita**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz. **Análise da Conversação**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

